



Revista
Educar Mais

O ensino remoto e as estratégias dos pais em manter os filhos conectados à escola pública

Remote learning and parents' strategies in keeping children connected to public school

Educación a distancia y estrategias de los padres para mantener a los hijos conectados a la escuela

Jacilene Silva da Cruz¹; Roberta Fernandes Vieira²; Enia Ferst³

RESUMO

Este artigo tem como objetivo verificar se os pais de alunos do Ensino Médio se preocuparam mais com a educação escolar de seus filhos durante o ensino remoto. Para isso foi feita uma pesquisa bibliográfica-documental e de campo através de questionário na plataforma Google Forms. Foram entrevistados 30% dos pais de alunos do 2º ano do Ensino Médio de uma escola pública estadual do centro da cidade de Boa Vista/Roraima. Os dados obtidos foram interpretados a partir de uma perspectiva qualitativa fenomenológica. Este estudo conclui que há sim uma preocupação em manter os alunos conectados à escola durante o período pandêmico, mesmo através de ações aparentemente simples, os pais se envolvem mais com os assuntos relacionados à educação. Em relação ao ensino remoto fica evidente que não é eficaz, não satisfazendo e não atendendo às necessidades do momento, isso fica evidenciado tanto pelas respostas diretas quanto pela quantidade significativa de pais que não responderam às perguntas referentes ao ensino nessa modalidade. Assim, para vencer a nova ordem social, os pais buscaram meios para auxiliar os filhos dentro das possibilidades de cada um.

Palavras-chave: Pandemia; Ensino Remoto⁴; Estratégias dos Pais; Alunos; Escola.

ABSTRACT

This article aims to verify whether the parents of high school students were more concerned about their children's school education during remote learning. For this purpose, a bibliographic-documental and field research was conducted through a questionnaire on the Google Forms platform. 30% of the parents of 2nd year high school students from a state public school in the center of Boa Vista / Roraima were interviewed. The data obtained were interpreted from a phenomenological qualitative perspective. This study concludes that there is indeed a concern to keep students connected to the school during the pandemic period, even though apparently simple actions, parents are more involved with issues related to education. In relation to remote learning, it is evident that it is not effective, not satisfying and not meeting the needs of the moment, this is evidenced both by the direct answers and by the significant number of parents who did not answer the questions

¹ Graduada em Letras, Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Mestranda em Educação pela Universidade Estadual de Roraima (UERR), Boa Vista/RR - Brasil. E-mail: jaciscapin@gmail.com.

² Graduada em Letras, Especialista em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa e Literatura e Mestranda em Educação pela Universidade Estadual de Roraima (UERR), Boa Vista/RR - Brasil. E-mail: robertafernandesvieira0@gmail.com

³ Licenciada em Pedagogia, Especialista em Gestão de Sistemas Educacionais, Mestre em Ensino de Ciências e Matemática, Doutora em Educação em Ciências e Matemática e Professora do quadro efetivo da Universidade Estadual de Roraima (UERR), Boa Vista/RR - Brasil. E-mail: mestreenia@gmail.com

⁴ As autoras preferiram o uso da expressão "ensino remoto" por esta ter sido popularizada amplamente pelas mídias.

related to teaching in this modality. Thus, in order to overcome the new social order, parents sought ways to help their children within their own possibilities.

Keywords: *Pandemic; Remote Learning; Parents' Strategies; Students; School.*

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo verificar si los padres de los estudiantes de Bachillerato estaban más preocupados por la educación escolar de sus hijos durante la educación a distancia. Para ello, se realizó una investigación bibliográfico-documental y de campo a través de un cuestionario en la plataforma Google Forms. Se entrevistó al 30% de los padres de estudiantes de segundo año de secundaria de una escuela pública estatal en el centro de Boa Vista / Roraima. Los datos obtenidos se interpretaron desde una perspectiva cualitativa fenomenológica. Este estudio concluye que existe una preocupación por mantener a los estudiantes conectados con la escuela durante el período pandémico, incluso a través de acciones aparentemente simples, los padres se involucran más en temas relacionados con la educación. En relación con la educación a distancia, es evidente que no es efectiva, no satisface y no atiende las necesidades del momento, esto se evidencia tanto por las respuestas directas como por el importante número de padres que no respondieron las preguntas sobre la docencia en esta modalidad. Así, para superar el nuevo orden social, los padres buscaron formas de ayudar a sus hijos dentro de las posibilidades de cada uno.

Palabras clave: *Pandemia. Educación a distancia. Estrategias de padres. Escuela.*

1. INTRODUÇÃO

O ano de 2020 marcará a história da humanidade em virtude do aparecimento do novo coronavírus, o SARS-CoV-2, que, em outras versões, era encontrado em algumas espécies animais e que raramente infectavam pessoas. Detectado e identificado em Wuhan na China, foi divulgado pela primeira vez pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em 31 de dezembro de 2019. Em 30 de janeiro de 2020, constatou-se que o surto desse vírus mortal era Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional.

No Brasil, em 03 de fevereiro do mesmo ano, o Ministério da Saúde baixou a Portaria de nº 188/GM/MS, declarando Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional, em razão da rápida disseminação desse vírus. Em 11 de março, a disseminação comunitária da Covid-19, caracteriza-se como pandemia em todos os continentes e para contê-lo, a recomendação básica era o isolamento e distanciamento social, o tratamento dos casos identificados e a realização de testes massivos na população.

Estados e municípios brasileiros editaram e ainda vêm editando decretos e outros instrumentos legais e normativos para o enfrentamento da Covid-19, entre eles, a suspensão das atividades escolares. Em 16 de março, o Governo Estadual de Roraima publica em Diário Oficial da União (DOE), a antecipação do recesso para o período de 17 a 31 do mesmo mês para que o calendário escolar não fosse comprometido, conforme recomendações do Ministério da Educação. Em 17 de março de 2020, por meio da Portaria nº 343, o Ministério da Educação (MEC) manifestou-se sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia da Covid-19, para instituição de educação superior integrante do sistema federal de ensino, posteriormente, em 18 de março de 2020, o Conselho Nacional de Educação (CNE), veio a público elucidar aos sistemas e às redes de ensino, de todos os níveis, etapas e modalidades, a necessidade de reorganizar as atividades acadêmicas por conta de ações preventivas à propagação da Covid-19.

Em meio ao caos causado pela Covid-19, os Conselhos Estaduais de Educação em diversos estados e vários Conselhos Municipais de Educação emitiram resoluções, decretos e pareceres no sentido de orientar as instituições de ensino pertencentes aos seus respectivos sistemas sobre a reorganização do calendário escolar e uso de atividades não presenciais.

Posterior a isso, diversas consultas foram formuladas ao Conselho Nacional de Educação solicitando orientações em nível nacional a respeito da reorganização do calendário escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, que também, através de consulta pública, recebeu colaborações de Organizações representativas de órgãos públicos e privados da Educação Básica e Superior para a reorganização dos Calendários Escolares e a realização de atividades pedagógicas não presenciais durante o período de Pandemia da Covid-19. Foram em torno de 400 contribuições provenientes de organizações representativas de órgãos públicos e privados da educação básica e superior, bem como de instituições de ensino e profissionais da área da educação, além de contribuições de pais de alunos da educação básica.

Desde então, o ensino público na rede estadual tem sido de forma remota, através de meios digitais e devem se ater aos objetivos de aprendizagem e o desenvolvimento das competências a serem alcançadas pelos estudantes em circunstâncias excepcionais provocadas pela pandemia, desafio significativo para todas as instituições ou redes de ensino de educação do Brasil.

Baseado no exposto acima, surgiu-nos o seguinte questionamento: quais ações foram praticadas pelos pais de alunos do Ensino Médio para manter os filhos, mesmo afastados fisicamente, conectados com a escola e com as atividades escolares?

Isso posto, esse artigo tem como objetivo principal verificar se os pais de alunos do Ensino Médio se preocuparam mais com a educação escolar dos filhos durante o ensino remoto. Como objetivos específicos pretende identificar quais as novas práticas adotadas pelos pais que podem transpor o momento pandêmico e serem utilizadas na volta do ensino presencial e saber a opinião destes sobre o ensino remoto.

A mudança brusca nas relações entre escola, alunos e pais não foi planejada, tampouco houve tempo para uma reflexão mais aprofundada das implicações que causaria. Segundo Behar (2020), "podemos dizer que o que iria talvez ocorrer na educação em uma década acabou acontecendo de forma "emergencial" em um, dois ou três meses.", decorre daí o interesse em compreender as alterações e adequações feitas pelos pais em sua rotina diante da urgência em que se implantou essa modalidade de ensino.

2. A RELAÇÃO ENTRE PAIS E ADOLESCENTES: DETERMINAÇÕES LEGAIS

Já mais próximo da maioridade, os alunos de Ensino Médio possuem relativa independência quando comparados aos do Ensino Fundamental. Na maioria dos casos, vão sozinhos para escola, se vestem como querem, namoram, tomam decisões sozinhos e alguns até já trabalham.

Embora haja capacidade de pensar e agir sozinhos, não são responsáveis legalmente pelos atos que praticam, por exemplo, na educação, ainda precisam dos pais ou de um representante legal. Sendo assim, há a necessidade de que o processo educacional conte, tanto com professores capacitados e conscientes de sua responsabilidade, quanto com pais que estejam próximos e se mostrem preocupados com o desempenho e desenvolvimento satisfatório dos filhos. Segundo Melo:

Os filhos estão na escola por quase 20 anos, em um processo de dependência desta e da família, que se reduz gradativamente, mas que, enquanto permanece, é salutar que essas duas instituições lhe prestem o melhor serviço educacional e, para isso, a coerência entre as duas é indispensável. Nada como pais e professores conversarem para estabelecer ações educativas preventivas (MELO, 2015, s/p).

Por mais que se proclame independente, o aluno de Ensino Médio precisa que seja mantido o elo entre família e escola. Não apenas por uma questão legal, mas porque, emocionalmente, necessita da orientação e da atenção dos pais. Numa fase de turbulências emocionais, a ideia de abandono pode principiar um caminho tortuoso e consequências irremediáveis.

Durante o desenrolar das aulas convencionais no modelo de educação presencial, a participação dos pais dos alunos de Ensino Médio no processo educativo é muito pequena, seja em reuniões de pais e mestres, entrega de notas ou quando, por força das circunstâncias emergenciais como indisciplina, possibilidade iminente de reprovação e outras situações, a ida do responsável ao ambiente escolar é sacrificiosa. Mesmo em eventos culturais, onde há um ambiente menos cerimonioso ou disciplinado, a maioria dos pais dos adolescentes dessa faixa etária se mostram indiferentes com o andamento educacional dos seus filhos.

Entre as normatizações tem-se o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que diz ser “[...] direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais” (BRASIL, 2019, p. 44). Já a Constituição Federal diz que:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL, 2015, p. 174).

Apesar de toda a legalidade e obrigatoriedade, as relações dos pais com o meio escolar ainda é muito precária. Apesar de toda a legalidade e obrigatoriedade, as relações dos pais com o meio escolar ainda é muito precária. Embora além da família, o estado e a sociedade sejam responsáveis por assegurar a crianças, adolescentes e jovens o direito à educação entre outros, é a família que tem a responsabilidade de acompanhar e buscar o cumprimento desses direitos, mas isso na maioria das vezes não acontece. Uma parte significativa dos pais, ao perceber que seus filhos já são adolescentes, eximem-se das responsabilidades, especialmente no que se refere à educação, permitindo a estes tomarem suas próprias decisões, esquivando-se do cumprimento da lei.

2.1 Características, particularidades e legislação sobre o Ensino Médio

O dever do estado com a educação básica que vai dos 04 aos 17 anos e organizada sob a forma de Pré-escola, Ensino Fundamental e Ensino Médio (BRASIL, 2018, p. 9), reveste-se de particularidades que torna a última etapa dessa trajetória um campo para riquíssimos estudos. Como é objetivo dessa pesquisa verificar se os pais dos alunos de Ensino Médio se preocuparam mais com a educação escolar de seus filhos durante o momento pandêmico, abre-se um espaço nesse trabalho para uma abordagem da legislação e as características referentes a este período.

Na organização da educação nacional, aos Estados brasileiros couberam oferecer com prioridade o Ensino Médio (BRASIL, 2018, p.13), embora ainda mantenha alguns pontos em comum com a etapa anterior, está em processo de readequação. Dentro dessa readequação está o aumento gradativo da

carga horária que passará de oitocentas para mil horas anuais. Marcando a reorganização curricular que contempla a Base Nacional Comum Curricular e os itinerários formativos que direciona para as áreas de conhecimento ou habilitações técnicas profissionalizantes (BRASIL, 2017, p. 40).

Principiando com a expulsão dos jesuítas e a intenção pombalina em modificar a colônia à nova ordem portuguesa (RIBEIRO, 2011, p. 21), a maioria das reformas educacionais sempre se mantiveram num viés voltado ao mercado de trabalho. Isso fica evidenciado na Reforma Capanema de 1942, através de Leis Orgânicas que asseguram o Ensino Industrial e Comercial (RIBEIRO, 2011, p.112); nos anos posteriores surgem outros decretos que afirmam o caráter formador de mão de obra do Ensino Médio com as Leis do Ensino Normal (formar mulheres para trabalhar como professoras) e Lei do Ensino Agrícola (RIBEIRO, 2011, p.113). Em 1961 o texto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação reafirma essa tendência com a subdivisão do Ensino Secundário (atual Ensino Médio) em comercial, industrial, agrícola e normal (RIBEIRO, 2011, p.137).

Pode-se perceber a partir do exposto acima, que o Ensino Médio público sempre foi caracterizado como o período escolar pré-trabalho, as legislações se mantiveram, inclusive a atual, impelindo os adolescentes ao mercado, estimulando o mútuo desligamento. Tanto os pais não se sentem mais tão responsáveis, quanto os filhos deduzem que já podem decidir por si sós, tornando a última etapa da Educação Básica um período marcado pela ausência dos pais no processo educacional.

3. COMO SE DEU O ENSINO REMOTO

A modalidade de ensino remoto que veio em caráter emergencial e se espelha na modalidade de Ensino à Distância (EAD), regulamentada para o Ensino Médio pelo decreto de n.º 9.057, de 25 de maio de 2017 que em seu capítulo I, artigo 2º diz que:

A educação básica e a educação superior poderão ser ofertadas na modalidade à distância nos termos deste Decreto, observadas as condições de acessibilidade que devem ser asseguradas nos espaços e meios utilizados. (BRASIL, 2017, s/p).

Em muito o ensino remoto se distingue da EAD, este usa metodologia de ensino e materiais específicos, aulas assíncronas, acompanhamento contínuo de tutores, suporte do docente para tirar dúvidas e realizar as avaliações, já aquele, as aulas são síncronas, por videoconferência, nos dias e horários de aulas presenciais, e em alguns casos, as aulas são disponibilizadas em arquivos gravados (CESUSC, 2020, s/p).

Numa situação emergencial considera-se que não houve tempo hábil para a formação de professores para ministrar aulas de forma on-line. O Ensino Remoto é uma mudança temporária para um modo de ensino alternativo devido a circunstâncias de crise (HODGES, 2020, p.3). Também as escolas públicas não possuem recursos que possam oferecer aos alunos, muitos de baixa renda, ferramentas que pudessem auxiliá-los nessa modalidade, o que amplia a exclusão que já era realidade no ensino presencial por outros fatores.

Ainda neste contexto, fora da modalidade presencial, recai sobre os alunos e professores a responsabilidade pelo aprendizado, obviamente sem considerar a qualidade, já que o jeito de resolver a situação do ensino durante a pandemia foi encharcar os alunos de conteúdos e cobrar habilidades tecnológicas dos professores, profissionais mal pagos, quase sempre com carga horária sobressalente, cuja formação, muitas vezes dissociada da prática docente, teve como meta o ensino presencial.

Educação à distância é uma modalidade que exige planejamento, formação e investimento (ZAJAC, 2020, s/p). Além disso, há de se considerar que os currículos não só preconizam conteúdos. Estes norteadores também trazem o conceito amplo de convívio social para o desenvolvimento das habilidades neles previstas.

Assim sendo, a modalidade de ensino remoto é mais uma utopia na realidade brasileira, não só no ensino médio que depende de um sistema diverso de compreensão, planejamento e formação de professores, como para outras modalidades que também dependem de instituições incapazes de promover a qualidade no aprendizado, pela falta de investimentos sólidos na educação.

4. PERCURSO METODOLÓGICO

O contexto pandêmico é essencial para o desenvolvimento desse artigo pois, além de determinar o problema de pesquisa, contribuiu para a definição dos caminhos usados para a obtenção dos dados. Sendo assim, o procedimento adotado foi a construção de um questionário pela plataforma *Google Forms* com cinco questões, duas objetivas e três subjetivas. Através de grupos previamente formados pelos alunos ainda durante o ensino presencial, solicitou-se destes que perguntas aos pais a possibilidade de responderem ao questionário. Após a autorização concedida e os contatos de WhatsApp repassados, foi enviado o *link* com as perguntas diretamente para os pais ou responsáveis. Chegou-se ao total de 53 contribuições que equivalem a aproximadamente 30% do quantitativo de pais de alunos do 2º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Gonçalves Dias, público-alvo dessa pesquisa.

Por se tratar de uma pesquisa que conta com um número significativo de contribuições, após uma leitura flutuante (GIL, 2002, p.152-153), optou-se por categorizar as repostas por assunto. Dessa maneira, as duas primeiras questões que tratam do ensino presencial formam o primeiro grupo a ser descrito, a terceira e a quarta, que também se complementam abordando diretamente as mudanças causadas pela nova modalidade de ensino, constituem o segundo grupo e a quinta questão que traz consigo as conclusões desse momento encerra a sequência de descrições.

Sendo assim, utilizou-se a abordagem qualitativa, entendendo esta como parte de uma dinâmica, uma interligação entre sujeito e objeto, ambos se complementam. Não há sujeito pesquisador, sem o objeto pesquisado e vice-versa. Segundo Chizzotti:

[...]abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito (CHIZZOTI, 1987, p. 79).

Entendida como o estudo das essências, este estudo reveste-se do caráter fenomenológico por permitir que o objeto seja rodeado e visto sob diversas perspectivas, estabelecendo, dessa forma, uma visão mais profunda do que está sendo observado, apreendendo deste todas as suas nuances. As descrições feitas pelo público-alvo dessa pesquisa, já são em si a interpretação, a manifestação da realidade que, em decorrência do contexto pandêmico, passaram a vivenciar. Segundo Bicudo (1997, p.48) "toda linguagem ao dizer, ela interpreta".

Este artigo desenvolvido a partir da abordagem qualitativa fenomenológica, fundamentou-se em análise documental e bibliográfica. Embora sejam semelhantes, não constituem a mesma fonte de obtenção de dados. Enquanto documental, este estudo pautou-se na descrição de documentos

elaborados especificamente para o mesmo, que por sua natureza constitutiva ainda não passaram por nenhuma análise. “[...] vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa” (GIL, 2002, p. 45).

Para a apreensão dos fenômenos descritos fez-se necessário um profundo cotejamento bibliográfico. Ainda segundo Gil, “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p. 44). Apesar de não ser exclusivamente nessa modalidade, este artigo exigiu uma profunda busca a fim de fundamentar assertivamente as experiências observadas. Por questões éticas, os participantes da pesquisa não terão seus nomes citados nesse trabalho, aqui denominados “entrevistados”, uma vez que, em função do contexto pandêmico, o parecer do Conselho de Ética da Universidade Estadual de Roraima foi dispensado.

5. A SIGNIFICAÇÃO DAS VOZES NA PESQUISA

É natural com o passar do tempo, que o adolescente, antes criança totalmente dependente, vá se desprendendo e comece a praticar ações e tomar decisões sem a aprovação dos pais. Embora estes últimos, como foi mencionado no primeiro tópico desse artigo, sejam os responsáveis legalmente, a corrida vida moderna somada a iniciação da idade adulta, faz com que muitos acabem por renunciar a algumas preocupações. Entre elas estão questões relacionadas à educação. Quando ainda são crianças é necessária a ajuda direta no desenvolvimento das tarefas escolares, com o passar do tempo, na maioria das vezes, os filhos adolescentes resolvem suas atividades e sanam suas dúvidas sozinhos. Essa aparente independência não torna os pais livres das obrigações legais, neste ponto baseou-se a pesquisa que norteou esse trabalho.

Como já foi explicitado no percurso metodológico, o fenômeno investigado contou com muitas contribuições, sendo assim, optou-se primeiramente por categorizar as respostas das questões subjetivas por assunto e, posteriormente, juntamente com as duas questões objetivas, dispô-las em gráficos, tornando o processo de interpretação das significações mais didático e conseqüentemente proporcionando uma melhor apreensão.

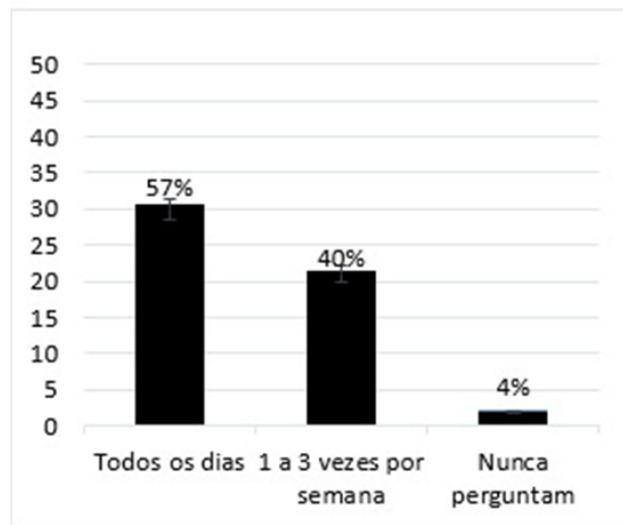
Na primeira parte deste tópico, será estabelecido um paralelo que apresenta a frequência com que os pais perguntam aos filhos sobre o dia a dia escolar. Na segunda parte são apresentadas as interpretações das significações dadas pelo público-alvo das contribuições no desenrolar do processo educativo, no ensino presencial e remoto, estabelecendo um paralelo entre os dois. Na terceira, as dificuldades encontradas durante o ensino remoto, quais atitudes foram tomadas para tornar a aprendizagem mais efetiva que podem transpor o momento pandêmico e, por fim, compreender o que os pais pensam sobre essa modalidade de ensino.

5.1 Da preocupação com as atividades escolares

O contexto pandêmico levou a escola para dentro das casas. As salas de aula vazias e as telas de celulares iluminadas para o recebimento dos conteúdos e tarefas dadas pelo(a) professor(a). Esse estudo não objetivou comprovar a eficácia da metodologia adotada pelos professores, mas em verificar se, durante o período pandêmico, houve uma maior preocupação dos pais com a educação dos filhos. Entendida, nesse contexto, a educação como o recebimento de conteúdos e resolução de atividades.

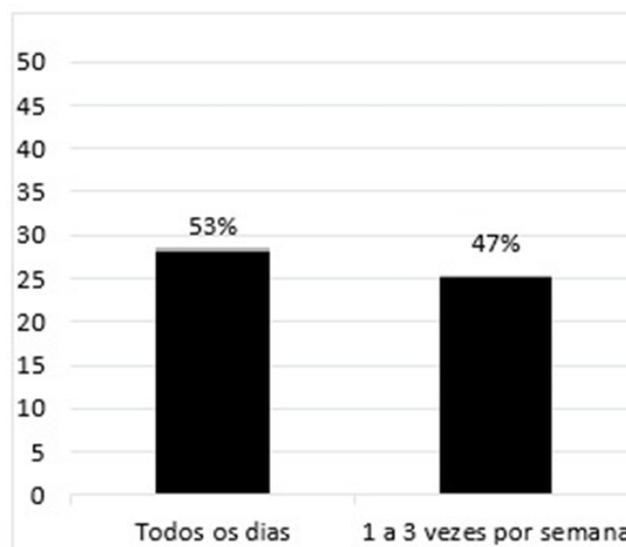
Os gráficos a seguir apresentam as significações objetivas referentes à frequência com que os responsáveis questionavam seus filhos a respeito do seu dia escolar e a existência de atividades.

Gráfico 1 – Questionamento dos pais sobre a escola/atividades escolares durante o ensino presencial.



Fonte: Autoras (2020).

Gráfico 2 – Questionamento dos pais sobre as atividades escolares durante o isolamento social.



Fonte: Autoras (2020).

No comparativo entre os dois gráficos, observa-se uma variabilidade muito sutil no comportamento dos pais durante o período pandêmico, pode-se depreender dessas significações que, por ser tratar de um momento de isolamento social, os pais estejam em retiro junto aos filhos, vendo sua rotina de estudos, não havendo a necessidade de questioná-los sobre a existência ou não de atividades. Daí a diminuição dos que perguntavam diariamente, decrescendo de 57 para 53%.

Em contrapartida, o número de pais que perguntavam sobre o andamento escolar de 1 a 3 vezes por semana aumentou em sete pontos percentuais. Pode-se interpretar esse fenômeno da seguinte forma: somando as razões explicitadas no parágrafo acima, estando diariamente com o filho não há a necessidade de interpelá-lo e esse aumento, justifica-se também pelo desaparecimento dos que nunca questionavam seus filhos. O “nunca perguntar” aos filhos sobre o seu dia na escola pode nos revelar algumas nuances surpreendentes desse fenômeno.

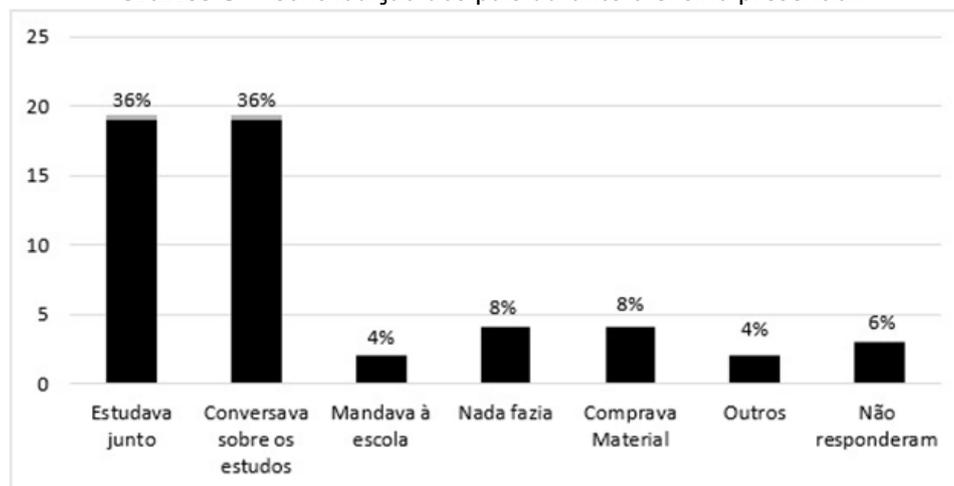
Primeiramente é necessário desfazer a ambiguidade que isso pode causar: “nunca perguntar” pode ser interpretado como descaso, não preocupação com o adolescente, mas também pode ser indicativo de confiança, de cumplicidade, sendo desnecessário o questionamento. O duplo sentido se desfaz na significação dada por um entrevistado em outra resposta: “Sempre confiei nela”. Desfeito o “mal-entendido”, conclui-se dessa primeira significação que, em relação à preocupação dos pais quanto à execução das atividades escolares, o contexto pandêmico promoveu aparentemente uma alteração na rotina de poucos sujeitos colaboradores.

5.2 Do ensino presencial ao remoto: interpretações

A substituição do ensino presencial pelo remoto, como foi citado na introdução desse artigo, aconteceu de maneira abrupta. Apesar das aulas virtuais terem iniciado cerca de um mês depois da suspensão, não houve qualquer preparação técnica para professores ou para os alunos. O contexto pandêmico trouxe para as famílias que possuem filhos estudantes de escolas públicas uma grande necessidade de reestruturação. Esta necessidade pode ser emocional, determinada pelo isolamento e a convivência diária; financeira, através da perda de empregos; espacial, com famílias numerosas convivendo no mesmo espaço mínimo; enfim a Covid-19 provocou enormes mudanças no cotidiano.

Geralmente, durante as aulas convencionais, os alunos levam atividades escolares para responder em casa, mas o que propõe o atual momento com o ensino remoto vai muito além de solucionar tarefas. Este subtópico objetiva primeiramente entender como os pais ajudavam aos filhos durante o ensino presencial; em seguida como tem sido a cooperação durante o ensino remoto e por fim estabelecer um paralelo entre os dois momentos. Este último momento de observação nos revelará o que o público-alvo dessa pesquisa entende por educar. Os gráficos 3 e 4 apresentam a sistematização das significações dadas ao fenômeno investigado.

Gráfico 3 – Contribuição dos pais durante o ensino presencial.



Fonte: Autoras (2020).

Pode-se observar, a partir dos dados apresentados pelo gráfico que o número de pais que dedicam um tempo e estudam juntos com seus filhos é o mesmo que apenas conversam sobre os assuntos escolares. Segundo um responsável que faz parte do percentual de pais que *estuda junto*, contribuir para o bom desempenho escolar do filho (a) significa: “Levando e buscando da escola e ajudando com algumas tarefas quando necessário, participando das reuniões na escola, dentre outros” A noção do que é o processo educativo para esse responsável é bastante ampla: ajuda nas atividades extraclasse e participa das reuniões, revelando que tem consciência de que o processo educativo se

efetiva com a integração entre família e escola. Através da correção gramatical, da organização da frase e principalmente através da ação de levar e buscar o filho na escola, entende-se que essa família faz parte do percentual que, além de ter um poder aquisitivo razoável e bom grau de instrução, assume um papel ativo no processo educativo.

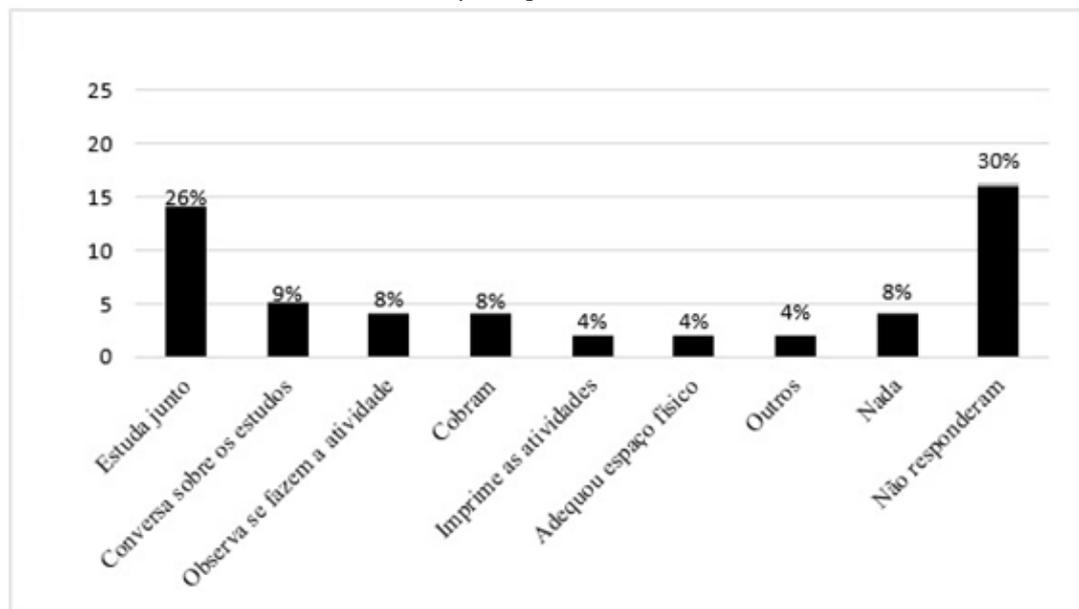
Outra significação dada para o fenômeno foi: "O incentivava a ter atenção durante a aula. O orientava quanto a autoridade dos professores dentro e fora da sala de aula". Essa fala pertence ao grupo que transfere para a escola toda a responsabilidade e defende o ensino baseado na autoridade do professor. Segundo Paulo Freire, "o educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos" (FREIRE, 2019, p. 83).

Interessante observar esse fenômeno através das significações menores, como "ajudava mandando ele pra escola", ou "comprava material". Justificativas como essas revelam que essa parte do público-alvo provavelmente não compreende o processo educativo e o mundo em que vivem, no seu contexto, acredita, e é de fato, que atitudes como obrigar a criança a ir para a escola ou conseguir comprar o material é tudo que estava ao alcance deles para ser feito. Segundo Freire:

Com efeito na medida em que um a um vão todos expondo como perceberam e sentiram este ou aquele momento que mais os impressionou, no ensaio "descodificador", cada exposição particular, desafiando a todos como decodificadores da mesma realidade, vai se re-presentando-lhes intencionada a ela [...] (FREIRE, 2019, p.147).

A realidade dos pais se descortina nos filhos e essas vivências particulares, expressas em palavras simples, não representam apenas doze por cento dos que responderam, assim, podemos incluir nessa realidade os seis por cento que não tiveram condições de responder ao questionamento. Nas significações do gráfico 4 fica mais evidente este fenômeno.

Gráfico 4 – Como os pais ajudam durante o ensino remoto.



Fonte: Autoras (2020).

Bastante discutido em *lives* por todo o país e através de diversas publicações, o ensino remoto:

Ainda que seja uma solução interessante para aproximar alunos e professores, o uso de plataformas virtuais e atividades escolares a distância coloca luz sobre a

desigualdade de acesso a tecnologias de comunicação e informação – e pode aprofundar o abismo social da educação no Brasil (FLORES, 2020, s/p).

Ainda tendo em mente as últimas significações abordadas na leitura do gráfico anterior e o texto de Flores, o alto número de pais que não responderam à pergunta sobre como ajudam seus filhos durante o isolamento, no ensino remoto, traz à consciência a impossibilidade de se contribuir tanto material quanto intelectualmente. Calar-se ou recusar-se a dá resposta evidencia que a saída encontrada pelos governos para a continuidade do ano letivo concretiza uma educação para poucos.

Em segundo lugar, na lista das contribuições dos pais para com seus filhos durante o período pandêmico, está a realização de atividades juntos, o “estuda junto”. Porém aparece em um número muito menor que no momento anterior. Essa diminuição pode ter sido ocasionada pelo surgimento de novas modalidades de contribuição, uma vez que toda a estrutura educacional mudou também. Sem a presença direta dos professores e com a metodologia de passar conteúdo e cobrar tarefa, assim resumiu um pai:

O ensino remoto no momento em que estamos vivendo é fundamental, quando é aplicado de maneira adequada. Agora o que o Estado está fazendo é somente aplicação de atividades, encharcando os alunos onde não tem nenhuma didática e muito menos troca de conhecimento, onde o professor é o mediador (ENTREVISTADO).

O inegável é o descrédito dos que ainda conseguem acompanhar diariamente seus filhos, traduzido, algumas vezes, em abandono, pois a solução encontrada para a continuidade do ano letivo na modalidade remota não promove uma aprendizagem significativa.

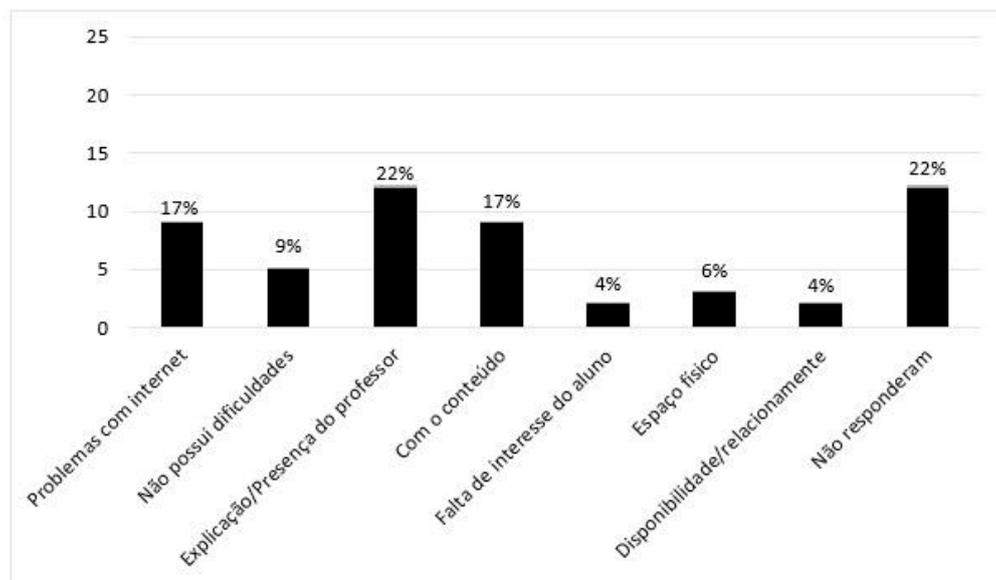
Nesse contexto interrogativo, surgem respostas variadas que mais uma vez traduzem o desejo dos pais de que seus filhos avancem, estudem, aprendam. Não fará parte desse artigo o debate em torno da hegemonia no pensamento educacional, mas fica evidente, nas interpretações que, receber o conhecimento vindo da escola é muito importante. Significações como “eu imprimo os exercícios”; “adequei um espaço” ou “levo um suco pra refrescar a memória” mostram o quanto é importante para muitos manter os filhos conectados com a escola, com os estudos, com a aquisição de novos hábitos, apesar das muitas dificuldades.

5.3 Ensino remoto: perdas e ganhos

A modalidade de ensino ofertada durante esse período de isolamento é nova para a maioria dos entrevistados, o gráfico 5 apresenta as significações dadas a esse fenômeno.

Em se tratando de dificuldades, 22% dos pais relataram que a ausência física do professor é um dos grandes entraves do ensino remoto. Segundo eles, a falta de troca de experiências, explicações e interação de alguns professores através da plataforma impedem o processo de ensino aprendizagem. O mesmo percentual de pais não respondeu a esta questão, podendo ficar subtendido nesses 22%, a não compreensão desse momento educacional que aconteceu de forma inesperada e sem a devida preparação.

Gráfico 5- Dificuldades encontradas pelos pais durante o ensino remoto



Fonte: Autoras (2020).

Um percentual menor, e também importante, consiste nas reclamações sobre qualidade dos serviços de internet que alcançaram 17% das dificuldades descritas. Frequentemente, a população de Roraima reclama de lentidão e instabilidade da conexão em virtude de constantes rompimentos de fibra ótica na Região Norte, segundo Jornal Folha de Boa Vista.

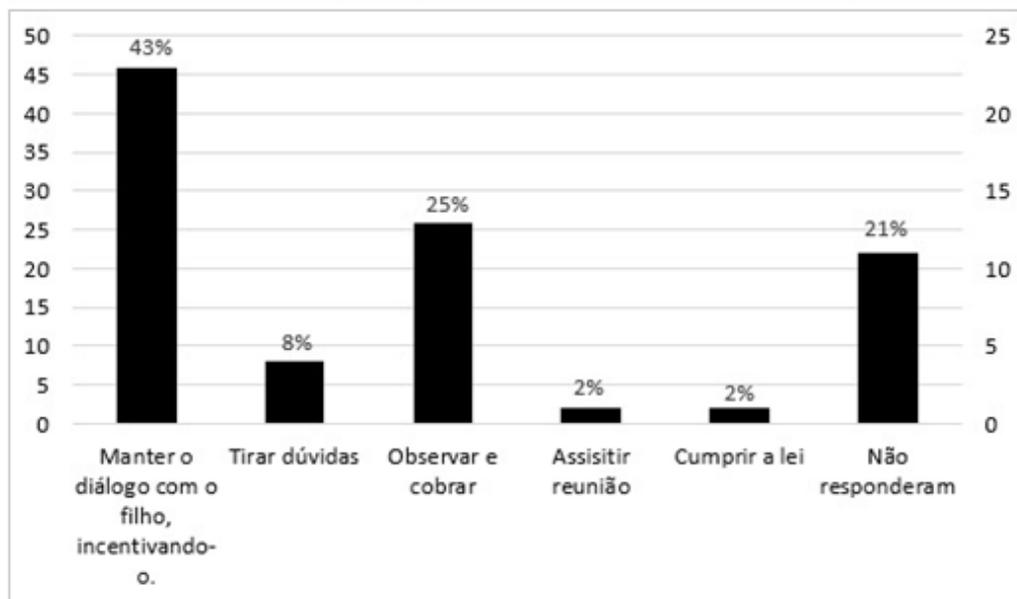
Ademais, conforme dados da Agência de Notícias do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), dentre os equipamentos utilizados para navegar na rede, o celular atinge quase a marca de 99,2% e o computador somente 48,1% em 2018, ano da última pesquisa realizada (BRASIL, 2018). A confirmação desses dados, principalmente em relação ao uso do celular, é relevante, pois a tela pequena dificulta o acesso aos conteúdos tornando o ensino a distância ainda mais cansativo.

Além desse fator, igualmente 17% dos entrevistados expuseram que a falta de domínio sobre os conteúdos impede a ajuda aos estudantes que segundo os pais 4% não se interessam por estudar e 6% não dispõem de espaço físico adequado para realizar seus estudos.

A expectativa para que a vida rotineira volte ao que era antes do momento pandêmico é indiscutível, mas do período de isolamento, quando o processo de educação sistematizada acontece dentro dos lares, pode-se extrair aprendizados e novos comportamentos.

No que diz respeito às atitudes que os pais pretendem manter pós-pandemia, a maioria desses, 43% afirmaram que continuariam mantendo diálogo com os filhos incentivando-os a estudar. Em contrapartida, 25% se dispõem em observar e cobrar, 8% está à disposição para tirar dúvidas. Somados, esses percentuais revelam um aumento de 4% no total de pais com atitudes positivas em relação ao acompanhamento dos estudos dos filhos, portanto novos comportamentos serão mantidos após a pandemia. Vale ressaltar que desapareceu o índice de pais que não faziam nada. Mesmo esse nada revelando uma cumplicidade, observa-se que há um interesse maior no processo de aprendizagem dos filhos. Essas significações estão representadas no gráfico 6.

Gráfico 6 – Atitudes que os pais manterão no retorno do ensino presencial.



Fontes: Autoras (2020).

Ainda, dos entrevistados, 21% não responderam à pergunta, reforçando a ideia da não compreensão desse momento educacional. Ainda neste gráfico, chama a atenção os 2% que asseguraram cumprir a lei, mandando seus filhos para escola e os 2% mantendo-se presentes nas reuniões de pais e mestres na escola. Segundo Freire (1979, p.14), "A educação tem caráter permanente. Não há seres educados e não educados. Estamos todos nos educandos", sendo assim, estar presente em reuniões de pais e mestres constitui parte do processo, mas é tarefa pouco significativa diante da relevância da escola em nossas vidas.

5.4 O que os pais pensam sobre ensino remoto

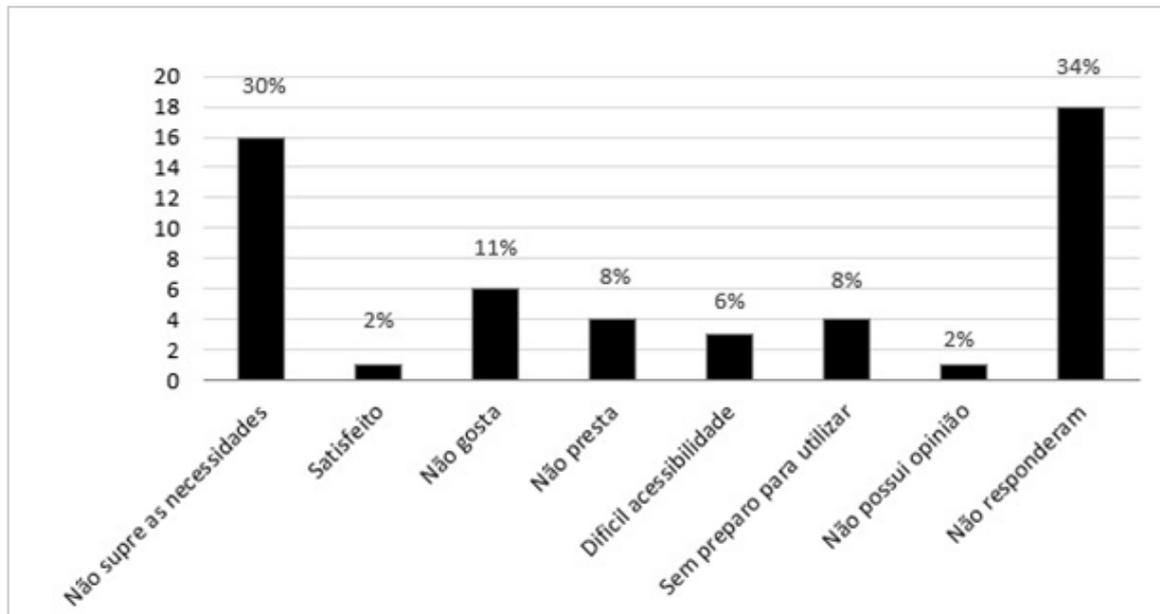
Debatido por especialistas e profissionais da educação, o ensino remoto entrou em todos os lares que possuem adolescentes em idade escolar ocasionando alterações na rotina de todos.

Através da observação do gráfico 7, posterior a esse parágrafo, é possível perceber que o primeiro resultado revela a insatisfação dos pais com essa modalidade. Se somados a este todas as interpretações negativas do fenômeno, totaliza-se 63%, ou seja, a maioria dos pais não vê o ensino remoto de forma positiva.

Sabe-se que as estratégias didáticas e pedagógicas foram criadas para diminuir os impactos das medidas de isolamento social de forma emergencial, não garantindo aos que compõem a escola, principalmente alunos e professores envolvidos, formação, recursos financeiros para acesso à internet ou equipamentos eletrônicos, promovendo vínculos intelectuais e emocionais durante a pandemia. Um pai esclareceu sobre isso dizendo que na opinião dele nenhuma tecnologia irá substituir a presença de um professor.

Os pais que não gostam da modalidade remota também manifestaram suas razões dizendo "Não gosto: é algo sem vida, sem sentido, sobretudo tira o relacionamento social e a formação de alianças sociais reais entre as pessoas". A fala do pai reflete sua preocupação com o papel social da escola, diferente dos 6% que reclamam somente da dificuldade de acessibilidade, ou seja, tudo estaria bem se houvesse uma conexão de internet.

Gráfico 7 – Opinião dos pais sobre o ensino remoto.



Fonte: Autoras (2020).

Observa-se mais uma vez que uma grande quantidade dos entrevistados não respondeu à pergunta. Pode-se entender que, por se tratar de uma modalidade que surgiu na urgência dos fatos, sem desenvolver os mecanismos necessários para um resultado efetivo, ainda não se tenha uma opinião formada sobre o que foi perguntado. Soma-se a esses pais, os que assumidamente revelaram não possuir opinião sobre o assunto.

Que estava satisfeito, respondeu apenas 2% do público-alvo dessa pesquisa. A satisfação pode indicar que há um total envolvimento da família, promovendo, durante o isolamento social, o desempenho educacional do(a) filho(a), não vendo lacunas no processo. Porém, contrariando a essa ideia, pode ser o indicativo de um total descaso e descrédito ao que se tornou o ensino no período pandêmico.

Tendo em vista os aspectos observados, vale ressaltar a última pesquisa do IBGE que trata das principais finalidades de uso da internet. Essa revela ser a troca de mensagens de texto, voz ou imagem por aplicativos diferentes de e-mail, os recursos mais utilizados, 95,7%. Em seguida, vem como propósito: conversar por chamadas de voz ou vídeo, 88,1%; assistir a vídeos, inclusive programas, séries e filmes, 86,1%; e, por último, enviar ou receber e-mail 63,2% (BRASIL, 2018). Nenhum dos entrevistados citou como finalidade estudar pela internet, evidenciando que a escola, espaço físico, ainda é vista como principal meio de acesso ao conhecimento.

6. CONSIDERAÇÕES

As alterações provocadas como consequência das medidas para conter a disseminação da Covid-19, exigiu da sociedade reestruturações que atingiu a todos igualmente, embora esse todo não estivesse em condições de igualdade para se reestruturar. Na educação, que é o nosso campo de estudo, isso aparece fortemente delineado nos resultados dessa pesquisa.

Para vencer a nova ordem social, os pais dos alunos de Ensino Médio buscaram, dentro de suas limitações, manter os filhos ligados à escola através de atitudes que vão desde o sentar e pesquisar, complementando o conteúdo, até tirar a internet do próprio celular para que a do filho funcione

melhor, priorizando a educação. Essas duas atitudes aqui transcritas reforçam o que foi abordado no parágrafo anterior, a desigualdade evidente e largamente ampliada durante o isolamento social.

O que o ambiente escolar oferece aos alunos é muito mais que conteúdo. Um dos entrevistados definiu o ensino remoto como algo sem vida, sem sentido, que tira o relacionamento social e a formação de alianças entre as pessoas. A escola não é apenas o lugar onde se transmite dados e verifica-se a absorção destes, mas é onde se desenvolve a vida, onde se apreende a realidade para, a partir daí, reconstruir, é o constatar para mudar (FREIRE, 2019). A solução posta pelos governos para a continuidade do ano letivo é conteudista, distante da defendida por Freire, capaz de levar a apreensão da realidade e, conseqüentemente, modificá-la. Ao contrário, o que se tem como saída sentença e sacramenta o abismo social imposto secularmente.

O ensino remoto que se efetivou para amenizar os efeitos na pandemia da Covid-19 é muito diferente do que se preconiza como sendo esta modalidade. O que se instaurou nas escolas e nos lares foi um silenciador dos anseios, como revelou um entrevistado, é um encharcar de conteúdos sem preparo algum tanto para o professor, quanto para o aluno que, em sua grande maioria, sequer possui os meios adequados mínimos para a concretização da aprendizagem. Dessa forma, esse estudo contribui para as ciências mostrando o comportamento de uma parcela da sociedade em um momento específico e único de suas vidas, possibilitando posteriormente estabelecer paralelos e traçar paradigmas entre esse e outros períodos. Falou-se muito sobre o Ensino Doméstico, essa pesquisa também revela dados que podem fundamentar a viabilidade de implantação dessa modalidade.

7. REFERÊNCIAS

BEHAR, Patricia Alejandra. **O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância**. [online]. Disponível em <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia/>. Acesso em 17 abr. 2021.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Capítulo III – Da Educação cultura e Desporto. 48ª edição. Edições Câmara – Câmara dos Deputados, Brasília, 2015.

BRASIL. Decreto de n.º 9.057, de 25 de maio de 2017. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 26, mai. 2017. Seção 1.[online] Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=65251-decreto9057-pdf&category_slug=maio-2017-pdf&Itemid=30192. Acesso em 15 out. 2020.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente** – ECA, 2019. [online]. Disponível em <https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/crianca-e-adolescente/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-versao-2019.pdf>. Acesso em 29 ago.2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria 188/GM/MS. **Declara Emergência em Saúde Pública de importância Nacional (ESPIN) em decorrência da Infecção Humana pelo novo Coronavírus (2019-nCoV)**. [online]. Disponível em <https://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-188-de-3-de-fevereiro-de-2020-241408388> Acesso em 22 set. 2020.

CESUSC. **Veja a diferença entre EAD e aulas remotas**. 2020.[online]. Disponível em <https://www.cesus.edu.br/veja-diferenca-entre-ead-e-aulas-remotas/>. Acesso em: 15 out. 2020.

CHIZZOTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 6ª edição
Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FLORES, Natália. **Desigualdade social e tecnologia: o ensino remoto serve para quem?**
[online]. Disponível em <https://www.blogs.unicamp.br/covid-19/desigualdade-social-e-tecnologia-o-ensino-remoto-serve-para-quem/>. Acesso em 18set 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 70ª edição. São Paulo, Paz e Terra, 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo, Atlas, 2002.

HODGES, C. et. al., Diferenças entre o aprendizado online e o ensino remoto de emergência.
Revista da Escola, Professor, Educação e Tecnologia. [online]. Disponível em:
<https://escribo.com/revista/index.php/escola/article/view/17/16>. Acesso em: 15 out. 2020.

MELO, Lélia Cristina de. A importância de pais e escola educando juntos. Gazeta do Povo. Sempre Família. Curitiba/PR. 15 de julho de 2015. [online]. Disponível em <https://www.semprefamilia.com.br/artigo/a-importancia-de-pais-e-escola-educando-juntos/>
Acesso em 09ago.2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.); **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p.09 - 27.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **História da Educação Brasileira: a organização escolar**. 21ª edição. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

RORAIMA. Decreto 28587-E de 16 de março de 2020 – **Medidas para enfrentamento da emergência de Saúde Pública de importância internacional decorrente do Corona Vírus e dá outras providências**. [online]. Disponível em http://www.imprensaoficial.rr.gov.br/app/_visualizar-doe/ Acesso em 05set.2020.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 24ª edição. São Paulo: Cortez, 2016.

SIMON, Roger I. A Pedagogia como uma tecnologia cultural. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.) **Alienígenas na sala da aula**. Uma introdução aos estudos culturais em educação. 11ª ed. Petrópolis – RJ, Vozes, 2013.p. 61-82.

ZAJAC, Danilo. **Ensino remoto na Educação Básica e COVID-19: um agravamento ao Direito à Educação e outros impasses**. [online]. Disponível em <http://proec.ufabc.edu.br/epufabc/ensino-remoto-na-educacao-basica/> . Acesso em 15 out. 2020.

Submissão: 23/02/2021

Aceito:22/04/2021